



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

GT1 Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguísticas

**IDENTIDADES AO LÉO: UMA LEITURA DE “PONCIÁ VICÊNCIO”
E DE “O VENDEDOR DE PASSADOS”.**

Leonardo Gomes de Souza¹

Lídia Maria Nazaré Alves²

Fernanda Soares Wenceslau³

Resumo: Objetivamos comparar as personagens: Ponciá Vicêncio, da brasileira Conceição Evaristo e Félix Ventura, do angolano Eduardo Agualusa. A primeira questiona seu nome, herdado do antigo senhor de seus avós. Nessa percepção de perda, desloca-se em busca de sua identidade. O segundo cria identidades para os que o procura. A pesquisa, do tipo bibliográfica, foi iluminada por teóricos que tratam desse assunto, a saber, Cândido (1999), Hall (2015), Fanon (2008), Alves (2009), Spivak (1994) e outros.

Palavras-chave: Literatura angolana- literatura brasileira-identidade

¹Graduando da Universidade do Estado de Minas Gerais; leonardogomes.jhs@gmail.com.

²Doutora em Literatura Comparada; Universidade do Estado de Minas Gerais; lidianazare@hotmail.com.

³Graduanda da Universidade do Estado de Minas Gerais; fernandasoressw@outlook.com.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

INTRODUÇÃO

Antoine Compagnon (1999) afirma que “a literatura pode estar de acordo com a sociedade, mas também em desacordo; pode acompanhar o movimento, mas também precedê-lo.” (Cf. COMPAGNON, 1999, p. 37), em outras palavras, a literatura possui uma liberdade que possibilita um novo olhar sobre a realidade que nos cerca. É por isso que decidimos utilizar de recursos literários, com o intuito de discutirmos uma questão altamente produtiva para o aluno de Letras, no que se refere, à sua relação com as humanidades, a saber: a identidade.

Este tema é elencado por vários teóricos, tais como: Zygmunt Bauman (2001), em sua fase líquido-moderna; Stuart Hall (2015), em sua modernidade tardia; Marshal Berman (1986), com sua contemporaneidade e David Harvey (2006), na sua fala sobre a Pós-modernidade. Todos eles viabilizam melhor entendimento sobre a construção de identidades, em diferentes fases da história, e, especificamente, na fase atual, que os articulistas consideram contemporânea, na esteira de Marshal Berman (1986).

IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO

Conceição Evaristo (2003), em seu romance de fundação constrói a personagem que dá nome ao livro “Ponciá Vicêncio”. Esse livro conta a história de uma mulher afro-descendente, moradora de uma comunidade formada, oficialmente, por ex-escravos. É criada dentro dessa comunidade e aos dezenove anos decide ir para a cidade tentar ganhar dinheiro, construir uma casa e voltar para buscar a família. Na cidade, casa-se, e, após encontros e desencontros, retorna à sua comunidade.

José Eduardo Agualusa (2004), em seu romance “O vendedor de passados”, narra a história de Felix Ventura, legítimo angolano, genealogista por profissão. Essa surpreendente figura trabalha construindo nomes, ou melhor, passados para quem o procura. Um dia bate-lhe a porta um estrangeiro desejoso



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

de seus serviços. Esse torna-se um bom amigo do protagonista dessa história que é narrada por uma Osga, de nome Eulálio.

Ambos os textos apresentam a identidade como uma construção. De fato, no primeiro caso, tal construção é mais velada, mas, a partir do questionamento que a personagem faz de parte do nome, Vicêncio, fica evidente que o mesmo, que a identifica, não é inerente a ela, já que não se origina do seu passado, não é crioulo, por assim dizer. Essa realidade evidencia-se no livro em várias cenas. Uma, em especial, se dá na infância de Ponciá. Na beira do rio ela tinha o hábito de gritar seu próprio nome. Nesse gesto a personagem “Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí, nenhum lhe pertencia também.” (EVARISTO, 2003, p.16). O narrador a descreve como um ser inominado.

No segundo caso, tal construção é mais evidenciada, já que fica explícita a construção do nome da personagem, José Bachmann. A despeito da inerência do nome, fica por conta deste somente a aceitação do passado que o redefine.

No primeiro diálogo, entre o futuro José Bachman e Felix Ventura, este insiste em questionar o nome daquele que inesperadamente se faz presente em sua casa. A resposta que ele obtém é: “- Tive muitos nomes, mas quero esquecê-los a todos. Prefiro que seja você a baptizar-me” (AGUALUSA, 2004, p.14).

De fato, ambos os questionamentos são próprios da contemporaneidade, na esteira de Stuart Hall, modernidade tardia. Para ele, “um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas, no final do século XX”.⁴ É essa mudança que vem abalando a ideia que temos de nós mesmos. Entre as paisagens culturais afetadas estão as de gênero, classe, sexualidade, etnia e raça, que durante muito tempo nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.

⁴ HALL, 2015. p. 9.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Em ambos os casos a identidade nos apresenta como um instrumento que merece ser estudado. A partir dessa ótica, fizemos a análise comparativa entre ambas as obras.

Os fragmentos citados, logo acima, apontam para questões muito presentes na atualidade. Ponciá rejeita toda a carga identitária que advêm do seu nome, de empréstimo, e que não a deixa esquecer de seu passado escravizado. Ela, para responder aos impulsos de recusa ao nome, sai de sua comunidade e se dirige à cidade em busca de melhores condições. No entanto, permanece uma “inominada” (VICÊNCIO, 2013, p.16).

No relato de Felix Ventura são múltiplos os nomes assumidos pelo estrangeiro. Em cada momento ele escolhe uma identidade nova, a fim de se adequar ao ambiente.

Vamos ao que os teóricos nos orientam sobre essa fase conhecida como modernidade, a fim de que, pela fala deles, possamos entender um pouco melhor as relações presentes em nível textual.

UM OLHAR SOBRE A MODERNIDADE

Zygmunt Bauman (2001) nomeia essa fase da história como modernidade líquida. Ele justifica a sua metáfora argumentando que os líquidos têm a incrível capacidade de se adaptar ao espaço onde se situam e sob qualquer pressão se alteram. São instáveis. Em complemento a isso, associamos à ideia de liquidez à de leveza, logo, para o sociólogo polonês, ambas são “metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, *nova* de muitas maneiras, na história da modernidade” (2001, p.8).

Nessa perspectiva, Felix Ventura, é uma grande metáfora das forças de liquefação. Felix é genealogista, um verdadeiro vendedor de passados. O seu trabalho é vender aos seus clientes “um nome que ressoe a nobreza e a cultura” (AGUALUSA, 2004, p.13). Para isso ele “traça-lhes a árvore genealógica. Dá-lhes as fotografias dos avós e bisavós, cavalheiros de fina estampa, senhoras do



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

tempo antigo” (AGUALUSA, 2004, p.13). Felix pega a história de uma pessoa, sólida até então, uma vez que, teoricamente, o passado é imutável, e a liquefaz, para dar origem a um novo passado, com novas personagens e *status*.

Bauman, em sua teoria, afirma que ainda vivemos a modernidade, ao contrário de David Harvey que assume a atual fase como pós-modernidade ou mesmo Stuart Hall com sua Modernidade tardia.

O polonês divide a modernidade em duas fases, a primeira de cunho sólido e a segunda líquida. Na primeira fase, tinha-se uma sociedade organizada em torno de estruturas rígidas que lhe garantia homogeneidade, segurança, estaticidade, ou seja, na fase sólida, a sociedade possuía moldes permanentes, nos quais, elas se enquadravam. Na fase líquida, esses moldes foram derretidos, liquefeitos. As pessoas já não se guiam por essas fôrmas. Com isso, o ser humano está ao léu, pois os “padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar, que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar, [...] estão cada vez mais em falta.” (BAUMAN, 2001, p.14). O ser humano encontra-se abandonado à sua própria liberdade.

Essa fala nos ajuda a entender um pouco da postura de Ponciá Vicêncio, ante seu nome. Este, possui uma carga histórica – sólida – carregada de identificação com um sistema sócio-ideológico. O sobrenome Vicêncio era sinônimo de dominação, uma perene lembrança de que Ponciá era subjugada. Daí a recusa do nome. Símbolo de um sólido social de até então. Esse quadro – solidez social- vem se desfazendo. Hoje, tem-se a fase líquida da modernidade.

David Harvey nos ajuda a entender com mais clareza a fase líquida da modernidade. Essa fase (pós-moderna para Harvey) tem por características “A fragmentação, a indeterminação, e a intensa desconfiança de todos os discursos universais ou [...] ‘totalizantes’” (HARVEY, 2006, p.19). Dessa forma a diferença e a heterogeneidade são motrizes para a revolução cultural.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

No romance de Agualusa, quando o estrangeiro permite que a nova situação o batize, evidencia-se toda a fragmentação do homem que não consegue assumir uma realidade por inteiro, assumi-la totalmente, por estar em constante processo de mudança.

A contemporaneidade rejeita tudo o que se coloca como universal. Os sólidos eram, por assim dizer, estruturas perenes que, com o clamor por liberdade, foram abandonados ou redefinidos pela nova ordem social. Nesse sentido, nos lembra Berman (1986), que a modernidade “anula todas as fronteiras geográficas e raciais de classe e nacionalidade, de religião e ideologia.” (p.15), isto é, todos os critérios assumidos pelas sociedades são destruídos pela contemporaneidade.

Os sólidos estavam ligados ao tradicional. Hall afirma que “As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas” (2015, p.18). O tradicional foi perdendo, ao longo do processo de liquefação, a sua força. Esta “prende” o indivíduo ao local, territorializa os laços mantidos pelas pessoas, porém, nessa novo momento, “para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas.” (BAUMAN, 2001, p.22) Isso implica que “Qualquer rede densa de laços sociais, e em particular uma que esteja territorialmente enraizada, é um obstáculo a ser eliminado.” (BAUMAN, 2001, p.22).

Grande parte desse processo se liga a globalização. O local possui outra dimensão atualmente. Se é que se pode falar em local, uma vez que nosso mundo interconectou-se a ponto de se tornar um espaço unificado. Bauman alerta para o fato de que a característica moderna que se impõe como “atributo crucial” (2001, p.15) é “a relação cambiante entre espaço e tempo” (2001, p.15). A característica singular da globalização não é justamente o domínio do espaço pelo tempo? Hoje as distâncias são mínimas uma vez que, com o meio adequado, pode-se em um curto tempo cobrir extensões dantes nunca imaginadas.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Hall retrata que um dos aspectos da problemática da identidade hoje mantém relação com o “caráter da mudança na modernidade tardia: em particular, ao processo de mudança conhecido como ‘globalização’, e seu impacto sobre a identidade cultural” (2015, p.12).

As grandes transformações que vem ocorrendo nas sociedades, à alta integração da comunidade humana, as novas formas de se organizar, os norteadores da vida humana no hoje são fatores que muito mexeram na noção de identidade. Aliás, foi somente porque todo esse movimento ocorreu que a questão identitária apareceu como algo a ser discutido. Bauman lembra que a alguns anos tal questão não estava no *road* dos assuntos em alta, porém, hoje identidade é “o papo do momento” (2005, p.23).

Para essa virada na forma de se encarar a identidade foi preciso o vagaroso processo de desestruturação e a diminuição da força aglutinadora e integradoras “das vizinhanças, complementadas pela revolução dos transportes, para limpar a área, possibilitando o nascimento da identidade – como *problema* e, acima de tudo, como *arefa*.” (BAUMAN, 2005, p.24)

Essa fala de Bauman revela que foi preciso, para que a identidade esteja na ordem do dia, um processo delicado de desterritorialização e a vitória do tempo sobre o espaço. Ambos os fenômenos desencadeados pela globalização. Essa realidade impacta a configuração identitária dos novos tempos. Como argumenta Hall.

Este teórico escreve seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade” pressupondo, por sua parte, “uma posição basicamente simpática à afirmação de que as identidades estão sendo ‘descentradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (2005, p.9).

Em nossa visão, de fato, é uma oportunidade ótima que diversos grupos e indivíduos possam ter vez e voz. Isso só foi possível porque a modernidade quebrou com vários dos sólidos (preconceitos) mantidos até então. Por outro lado, o processo de liquefação gera uma crise identitária no âmbito comunitário, ou



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

melhor, destitui a comunidade enquanto espaço privilegiado de transmissão da identidade.

Uma das consequências disso está no fato de hoje a identidade ser uma tarefa/missão a ser realizada pelo sujeito e não mais algo assumido pelo indivíduo por um senso de pertença a um grupo.

Até pouco tempo, a comunidade era a responsável por transmitir ao indivíduo a sua identidade. Hoje, há o processo de se desvencilhar das mesmas estruturas – tipicamente coletivas. A contemporaneidade impôs um individualismo egoísta. Este leva cada vez mais as pessoas ao isolamento de umas em relação as outras. Quanto a isso nos recorda Bauman: “A ‘individualização’ agora significa uma coisa muito diferente do que significava há cem anos e do que implicava nos primeiros tempos da era moderna” (BAUMAN, 2001, p.39-40). Aqueles eram “os tempos da exaltação da ‘emancipação’ do homem da trama estrita da dependência, da vigilância e da imposição comunitárias. (BAUMAN, 2001, p.39-40)

Logo, a modernidade é um movimento ambivalente, ou seja, ela permite que as diferenças e os grupos minoritários se expressem, por outro lado, impõe um novo mecanismo de transmissão da identidade. Esta, hoje, não é algo que nos antecede, pelo contrário, ela é uma missão, uma tarefa que todos, indistintamente, temos de cumprir.

Bauman resume sua fala da seguinte forma: “a ideia de ‘ter uma identidade’ não vai ocorrer às pessoas enquanto o ‘pertencimento’ continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa” (BAUMAN, 2005, p. 17). A globalização quebrou esse inevitável pertencimento. Os indivíduos se tornaram cidadãos do mundo. Prova disso é que o assunto identidade está no discurso do dia.

Enquanto Hall louva o fato de que as identidades estão descentralizadas (voltamos a repetir, uma consequência disso é que mais grupos tiveram vez e voz o que é ótimo) Bauman alerta para o fato de que “estar total ou parcialmente ‘deslocado’ em toda parte” (BAUMAN, 2005, p. 19) é, na verdade, “não estar



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

totalmente em lugar algum” (BAUMAN, 2005, p. 19). O homem ao perder o senso do local, do pertencimento, tornou-se pertencente a todo ambiente, mas sem sê-lo totalmente. O homem se fragmentou.

Marshall Berman nos alerta para o fato de que “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor” (1986, p.15) em contra partida este “ser moderno” “ameaça destruir tudo que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. (1986, p.15)

Desta fala, evidencia-se a ambivalência desse movimento denominado de tantas maneiras pelos diversos estudiosos.

Bauman, ao falar sobre identidade e juventude, faz um alerta: “O que mais importa para os jovens é preservar a capacidade de *remodelar* a ‘identidade’ e a ‘rede’ no momento em que surge uma necessidade” (2011, p.19). As novas gerações em relação as anteriores se configuram em outras bases, alerta o sociólogo “a preocupação dos antepassados com a própria *identificação*, exclusiva e única, tende a ser deslocada pela preocupação com uma *reidentificação* perpétua.” (2011, p.19)

Esse processo pode ser observado tanto em Ponciá quanto em Felix. Ela, sempre à procura de si, ele fazedor de sonhos, ou seja, sempre construindo realidades verossímeis.

Conceição Evaristo e José Eduardo Agualusa: identidade e crítica social

Como fundamentamos acima, as identidades hoje estão sendo jogadas ao léu, ou seja, em um processo de abandono, de troca de substituição. Esses efeitos são percebidos nas obras.

O contexto da obra de Agualusa é a Angola pós-independente. Este país está com uma burguesia emergente e desejosa de se livrar do passado de país colonizado. Isso pode ser percebido no livro no episódio em que um ministro do governo - pessoa rica – vai até Feliz Ventura, para que este lhe venda um passado. O ministro é descrito como “um homem baixo, gordo, pouco à vontade



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

dentro do próprio corpo” (AGUALUSA, 2011, p. 66). Este ministro é uma metáfora da abundância. Situação vivenciada pela minoria.

Ana Cristina Pinto Bezerra (2012) afirma que Feliz Ventura, um legítimo angolano, possui “um ofício curioso, mas pertinente no contexto angolano em que a burguesia deseja apagar a sua memória colonizada negra e adquirir uma identidade branca” (p. 2).

Uma análise atenta do livro nos leva a conclusão de que Felix Ventura é uma crítica a essa situação. No início do livro, no diálogo primeiro entre o vendedor de passados e José Bachman, apesar de ser albino, Felix não se identifica com a cor branca, ele se declara negro, um indivíduo autóctone. Desta forma, há, na construção de tal personagem, um tom político – ideológico do próprio autor. Esta é, até certo ponto, uma análise Marxista. Dizemos isso na esteira de Compagnon, quando esse afirma a grande crítica marxista: a vinculação entre: “literatura e ideologia” (COMPAGNON, 1999, p.36)

O livro de Conceição Evaristo, analisado sobre esse viés, se torna uma grande crítica a uma sociedade que ofereceu aos negros uma liberdade formal, mas que de maneira alguma foi uma libertação de fato. Para usar uma metáfora linguística, poderíamos dizer que a classe dos escravos foi documentalmente reclassificada, mas na semântica da sociedade a mudança não ocorreu.

Ponciá é uma inominada, assim como uma deslocada. Alguém que indo para a cidade em busca de melhores condições, depara-se com a dura e triste realidade das novas formas de escravidão.

Ambos os autores são críticos desse contexto. Eles buscam, por meio da literatura, que a realidade seja enxergada com outros olhos, que a vida e a identidade sejam mais valorizadas e que a influência das modernidades sobre esses grupos não façam com que se perca as raízes que se constitui as bases do ser humano.

Esses autores, ao contrário da tradicional literatura europeia que, “propõe, desde Cervantes, uma aprendizagem do indivíduo burguês” (COMPAGNON,



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

1999, p. 36), em outras palavras, uma literatura “comprometida com valores dos quais seria ao mesmo tempo causa e consequência, sendo o primeiro deles o indivíduo burguês” (CONPAGNON, 1999, p. 36), os escritores aqui analisados tem um compromisso com grupos minoritários, deixando isso evidente por meio de suas literaturas.

Considerações finais:

Esse texto buscou mostrar que o nosso mundo está mudando. As pessoas saíram de uma realidade onde a identidade era predeterminada para um mundo onde se pode escolher a identidade que se vai utilizar. Isso é fruto do processo de liquefação muito íntimo da globalização.

Nessa perspectiva, analisou-se as já citadas obras, a fim de perceber como essas relações se fazem presentes nas respectivas literaturas. Tem-se por conclusão que Ponciá Vicêncio mantém íntima relação com Felix Ventura. Ambas as personagens se colocam a cumprir a missão de edificar sua identidade. Ponciá se desgarrar de sua comunidade de origem e vai à procura de outras realidades, Felix faz surgir novas identidades das cinzas do passado.

Essa realidade relaciona-se com a construção da identidade hoje. Nós também estamos na incansável missão de construir nossas identidades e o fazemos a cada escolha, a cada decisão, a cada movimento que traçamos com nossas vidas.

Referências Bibliográficas:

AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. **Modernidade Líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. 2^o.Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BEZERRA, Ana Cristina Pinto. A construção do personagem Félix Ventura: o “vendedor de passados” de Aqualusa. **Revista Crioula**. São Paulo, Nº 12, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/57865/60911>> Acesso em: 26 de nov. de 2016

CONPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. 1^a. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12^a. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 15^o. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992.